

FOTOGRAFIA, MÍDIAS MÓVEIS E ENSINO REMOTO NO INTERIOR DA AMAZÔNIA: REFLEXÕES SOBRE MÉTODOS E EXPERIMENTAÇÕES

Marcelo Rodrigo da Silva¹
Fabiana Feronha Wielewicki²
Gledson Oliveira da Silva³

Resumo

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre o ensino remoto da fotografia e o uso de mídias móveis como os aparelhos celulares nos processos digitais de ensino-aprendizagem e de expressão artística no ciberespaço. Para tanto, percorre dois caminhos: o primeiro com base na observação dos métodos de ensino de fotografia em uma instituição de ensino superior; e o segundo a partir da apreciação do ensaio fotográfico “Elevé Acaraú”, produzido por um dos alunos e que alcançou repercussão nacional. Ambos os caminhos – ensino e expressão artística – se deram na cidade de Parintins, uma ilha fluvial localizada no interior do estado brasileiro do Amazonas, em meio à pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e ao recorde histórico de cheia do Rio Amazonas. O ensaio fotográfico expressa em sua linguagem visual a tensão entre arte, cotidiano, pandemia e enchente em um cenário amazônico imediato.

Palavras-Chave

Fotografia; Mídias Móveis; Ciberespaço; Ensino Remoto; Amazônia.

Abstract

This article aims to reflect on the remote teaching of photography and the use of mobile media such as cell phones in digital teaching-learning and artistic expression processes in cyberspace. To do so, it follows two paths: the first is based on the observation of photography teaching methods in a higher education institution; and the second from the appreciation of the photographic essay “Elevé Acaraú”, produced by one of the students and which achieved national repercussion. Both paths – teaching and artistic expression – took place in the city of Parintins, a river island located in the interior of the Brazilian state of Amazonas, amid the pandemic of the new coronavirus (SARS-CoV-2) and the historic record of flooding in Rio Amazons. The photo essay expresses in its visual language the tension between art, everyday life, pandemic and flood in an immediate Amazon scenario.

Keywords

Photography; Mobile Media; Cyberspace; Remote Teaching; Amazon.

¹ Doutor em Estudos da Mídia. Professor adjunto e coordenador do curso de Jornalismo do Icesz/Ufam. Líder do Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA). E-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com

² Doutora em Arte e Design. Professora adjunta e vice-coordenadora do curso de Artes Visuais do Icesz/Ufam. Líder do Grupo de Pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA). E-mail: fabianaw@gmail.com.

³ Acadêmico do curso de Artes Visuais do Icesz/Ufam. Professor de Balé do Liceu de Artes e Ofícios de Parintins-AM. E-mail: oliveira.gledson86@gmail.com

Um cenário desafiador

A necessidade de isolamento e distanciamento social como medida sanitária de prevenção ao contágio pela pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), exigiu de todos os níveis de ensino presencial a readequação dos seus processos educacionais. Com a suspensão das atividades presenciais e a adoção do Ensino Remoto Especial (ERE) por diversas universidades públicas de ensino superior, os estudos online ou a Educação à Distância (EaD), também chamada de Ensino à Distância e *E-learning* (MOORE & KEARSLEY, 2007), tornou-se a única alternativa viável para se manter, minimamente e com severas adaptações, a continuidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O Amazonas sofreu as piores consequências da pandemia no Brasil, mesmo tendo sido o 13º estado do país a confirmar a primeira contaminação pelo vírus. Pouco mais de um mês depois do primeiro registro, a situação da epidemia no estado do Amazonas era a mais grave do Brasil, com 521 casos para cada milhão de habitantes. Até o dia 2 de agosto de 2021, ultrapassava a marca de 13,5 mil o número de óbitos registrados, conforme os dados do Governo Federal (BRASIL, [2021]).

Em decorrência desse cenário, a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) suspendeu suas atividades presenciais em 16 de março de 2020. Esse processo de adaptação dos modelos de ensino foi iniciado, contudo, para a maioria dos profissionais da educação, de forma abrupta e sem preparação para atuação no ensino remoto e/ou a distância.

Conforme Maia e Mattar (2007), a EaD surge impulsionada pelo desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação (trens e correios, respectivamente), no século 19. Contudo, apesar de não haver registros precisos sobre a criação da EaD no Brasil (ALVES, SILVA e FRAGA, 2020), essa modalidade de ensino já se tornou comum em todos os níveis de ensino. Assim também defende Tapscott (2010) ao se referir ao que ele chamou de jovens da Geração Internet. Segundo o autor, esses jovens nascidos nos anos 90 cresceram em um ambiente digital, o que exigiria um espaço de formação e geração de conhecimento baseado em um modelo educacional que incentive a construção do conhecimento de maneira colaborativa e cooperativa.

Essa cooperação pode proporcionar o que José Armando Valente *et al.* (2005) chamou de “estar junto virtual”, que vai além de uma simples comunicação via rede e estrutura o que ele

denomina de “telepresença”. Segundo essa abordagem, devem ser fomentadas condições para a comunicação e a troca de experiências entre membros de um determinado grupo na elaboração de um projeto ou na resolução de problemas. Para isso, é interessante a participação de um especialista capaz de criar condições para gerar novos conhecimentos por meio de interações com os aprendizes, que estimulem troca de ideias, questionamentos, desafios e o fornecimento da informação necessária para que o grupo possa avançar. Isso significa que o especialista deve “estar junto”, mesmo de forma digital, ao lado dos aprendizes, vivenciando as situações e auxiliando-os a resolver questões.

Moreira & Schlemmer (2020) observam, entretanto, que o Ensino Remoto Emergencial é, na realidade, um modelo de ensino temporário devido às circunstâncias da crise provocada pela pandemia de covid-19 e envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas idênticas às práticas dos ambientes físicos, “sendo que o objetivo principal nestas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional online robusto, mas sim fornecer acesso temporário e de maneira rápida durante o período de emergência ou crise” (MOREIRA & SCHLEMMER, 2020).

Todavia, a adoção e implementação de ações de ensino remoto em regiões do país onde a infraestrutura de conexão com a internet é rarefeita, como é o caso da cidade de Parintins – uma ilha fluvial no interior do estado brasileiro do Amazonas, distante 369 quilômetros da capital, Manaus – é uma tarefa desafiadora e com sérias limitações. A cidade, conhecida como Ilha Tupinambarana, está localizada à margem direita do Rio Amazonas e é a segunda maior do Estado, com uma população estimada de 115 mil habitantes (IBGE, 2020). Integra a região do Baixo Amazonas e suas únicas formas de acesso são por via aérea ou fluvial.

De acordo com Vasconcelos (2016), Parintins está situada em uma ilha, à margem direita do Rio Amazonas, a 369 km da capital, Manaus, em linha reta e 420 km por via fluvial. Parintins apresenta um ecossistema de várzea (48%), terra-firme (17%) e rios, além de lagos, igarapés e paranás (35%). Possui área territorial de 5.952 quilômetros quadrados (IDAM, 2009). A várzea tem enchente anual acompanhando o regime do leito do rio Amazonas, que comanda a vida na região (TOCANTINS, 2000; STERNBERG, 1998). Os ribeirinhos vivem em palafitas fixas na várzea e podem ou não ter migração circular durante a cheia (ELOY, 2009). Há grupos que permanecem na várzea, nas grandes cheias, ajustando a altura dos cômodos; enquanto outros migram para a casa de parentes em terra firme.

A rede elétrica da cidade é abastecida por um sistema de bombas movidas a óleo diesel, o que torna comum as quedas de energia. De acordo com as informações da Agência Nacional de Telecomunicações - Anatel (2020), há apenas três prestadoras de serviço de comunicação multimídia na cidade, duas delas a rádio e uma com uso recente de fibra ótica, conectadas pelo estado do Pará. As outras formas de conexão são os pacotes de dados das quatro operadoras de telefonia móvel em operação na cidade. Contudo, o custo desses pacotes muitas vezes não é acessível e as redes possuem uma conexão lenta e limitada.

Além das limitações infraestruturais da cidade, há ainda os agravos de ordem econômica e social da população. Conforme os dados da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES - 2018, realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais - Andifes (2020), 80% dos alunos da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), campus Parintins (Icsez) estão em vulnerabilidade socioeconômica. Além disso, uma pesquisa realizada por Cardoso, Santos & Weil (2016) que trata das políticas de permanência no ensino superior especificamente com estudantes dessa mesma instituição, evidenciou que 48,65% dos discentes não possuíam renda e 28,38% sobreviviam com renda menor que R\$ 510,00 (quinhentos e dez reais). Ou seja, além da rede de internet ser frágil, a população universitária encontra sérias restrições econômicas de acesso à tecnologia disponível.

Somam-se a esse contexto infraestrutural, econômico e social, os fatores geográfico e climático da região próprios da região. No momento da escrita deste artigo, a população da cidade de Parintins enfrentava a maior cheia histórica do Rio Amazonas, que chegou a atingir a marca de 9,38 metros acima do seu nível, conforme dados da régua fluviométrica do Serviço Geológico do Brasil (2021), que é monitorada pela Defesa Civil do município. Essa marca só havia sido alcançada no ano de 2009. Os bairros mais baixos da cidade ficaram alagados e tiveram que ser improvisadas passarelas de madeira pra o trânsito dos moradores. Uma realidade compartilhada por muitos estudantes.

Apesar dessa conjuntura e diante da imperativa necessidade de dar prosseguimento aos estudos dos componentes curriculares universitários, paralisados havia um ano, desenvolveu-se uma série de experimentações metodológicas para o ensino da disciplina de Introdução à Fotografia, ministrada pelo professor Marcelo Rodrigo e que atende alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação em Jornalismo e em Artes Visuais. Essas experimentações

obtiveram alguns resultados significativos e expressivos, entre os quais o ensaio que será apresentado mais adiante.

Este artigo tem, portanto, o objetivo de refletir sobre o ensino remoto da fotografia e o uso de mídias móveis como os aparelhos celulares nos processos digitais de ensino-aprendizagem e de expressão artística no ciberespaço. Para tanto, percorre dois caminhos: o primeiro com base na observação dos métodos de ensino tendo como base a disciplina Introdução à Fotografia, ofertada pelo curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez), campus da Ufam em Parintins; e o segundo a partir da apreciação do ensaio fotográfico “Elevé Acaraú”, produzido por um dos alunos em cumprimento à referida disciplina e que alcançou repercussão nacional.

Experimentações metodológicas

Desenvolver métodos pedagógicos que envolvam o emprego de tecnologias digitais é uma tarefa intimidadora em um contexto demarcado pelas privações e exclusões tecnológicas. Na região do Baixo Amazona, é comum serem encontradas comunidades onde não há sinal de internet. Mesmo com ciência dessa realidade, o ensino remoto da disciplina de Introdução à Fotografia foi desenvolvido com o emprego de alguns processos e recursos tecnológicos em busca da manutenção da qualificação e desenvolvimento teórico e práticos dos estudantes universitários.

Entre os recursos utilizados está a utilização da sala de aula virtual na Plataforma do *Google Classroom*, que serviu de base para repositório dos conteúdos discutidos a cada semana. Além dessa plataforma, também foram empregadas as salas de videoconferência do *Google Meet*. Paralelamente a essas plataformas, também foi utilizado o aplicativo *Whatsapp* para compartilhamento de informações rápidas e instantâneas entre os alunos por meio de grupos de conversação.

Esses recursos tecnológicos foram alimentados com conteúdos retirados da internet e também produzidos e editados pelo próprio professor da disciplina. Foram conteúdos multimídia em formato de fotografias, videoaulas, simuladores, podcasts, textos em PDF, questionários, apresentações de slides, fóruns e atividades. Os conteúdos da disciplina foram discutidos, ainda, em horários de atendimento distribuídos em dias diferentes daquele agendado para as aulas regulares.

A grande dificuldade residiu, contudo, no acesso a tais recursos. Foi muito comum os alunos reclamarem por não terem acesso à internet suficiente para baixar todos os assuntos ou assistir a todos os vídeos compartilhados. Também foram frequentes os casos de desconexão dos alunos durante as aulas síncronas online e ao vivo por meio das salas de videoconferência. Grande parte da turma preferiu aguardar a gravação do encontro síncrono ser disponibilizado posteriormente na sala de aula virtual para que pudessem acompanhar o que foi discutido na aula.

Afora as dificuldades tecnológicas, houve também o prejuízo causado ao processo de ensino-aprendizagem dos estudantes por terem sido privados de manusear os equipamentos fotográficos do laboratório de fotografia da instituição, em decorrência da necessidade de respeitar as exigências sanitárias de combate à contaminação pelo novo coronavírus. Em decorrência desse impedimento e como forma de minimizar os impactos dessa privação, a dinâmica da disciplina foi adaptada para a realidade imediata dos estudantes, ou seja, o uso dos aparelhos celulares para produção fotográfica e experimentação dos conteúdos teóricos discutidos em sala de aula.

Essa adaptação seguiu o raciocínio de Merije (2012), quando afirma que a mobilidade traz outra lógica ao como e quando aprender. Segundo o autor, o sentido de estar aqui para aprender ou de aprender estando em qualquer lugar tornou-se o referente na sociedade digital. Para ele, a mobilidade não tem duplo sentido, mas tem dupla capacidade: a tecnológica, que nos permite utilizar um dispositivo em qualquer lugar, e a do conteúdo, que diz respeito à informação, ao lugar onde ela se encontra, não importando o fato em si, mas a capacidade de ser acessada, produzida e compartilhada.

A adoção das tecnologias dos dispositivos móveis buscou beneficiar-se das vantagens oferecidas pela facilidade de acesso, operação e compartilhamento de dados por meio dos dispositivos móveis. O crescimento da demanda pelas comunicações via dispositivos móveis é constatado, pelos dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2018). Segundo a Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros de 2018, realizada pelo órgão por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – Cetic.br, apesar de apenas 63% dos domicílios da região Amazônica terem acesso à internet, a conexão móvel é a predominante, com 46% dos acessos.

O uso de dispositivos móveis na educação configura o conceito de *mobile learning* discutido por Merije (2012), cuja definição envolve a utilização de equipamentos de informação e

comunicação móveis e sem fio em processos de aprendizagem, mas não se resume a isso. Por esse conceito, os estudantes têm aulas utilizando celulares para fazer simulações participativas. Eles recebem o conteúdo do professor via celular, interagem com ele e depois enviam suas intervenções aos colegas. Uma característica fundamental é a mobilidade dos aprendizes.

Ainda que não disponha de todos os recursos operacionais encontrados em equipamentos fotográficos profissionais ou semiprofissionais, os aparelhos celulares (em sua diversidade de modelos) permitem que os estudantes explorem a linguagem fotográfica e sua criatividade tecnicamente, mesmo que de forma embrionária. Levando-se em conta que a conjuntura de ministração da disciplina envolve o estabelecimento do Ensino Remoto Emergencial, a prática de adoção dos aparelhos celulares tem se apresentado frutífera e surpreendente, na medida em que a postura dos alunos a respeito o ato fotográfico, a percepção da realidade à sua volta e os processos de produção de sentido têm se aguçado.

Além disso, para buscar maior envolvimento dos estudantes e incentivá-los a buscar maior engajamento com a disciplina, foi proposta uma atividade relacionada à utilização das redes sociais, especialmente o Instagram, como Plataforma para publicação e compartilhamento das produções desenvolvidas por eles no decorrer da disciplina. Como já propunha Beiguelman (2005), discutindo a produção audiovisual com esses dispositivos, as práticas em torno do celular estimulam o fazer em trânsito e compartilhado, com formatos que colocam ênfase na visibilidade de uma criação espontânea.

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) (2020), o Instagram é a rede social que mais cresce no mundo, contando atualmente com mais de 500 milhões de contas. Conforme os dados da entidade, a rede social de fotos tem, em média, 1,5 bilhão de curtidas por dia, além de ser 15 vezes mais interativa do que o Facebook e contar com o perfil de mais de 1.400 grandes marcas, uma realidade também compartilhada pelos habitantes amazonenses.

A atividade foi conduzida a partir do estudo dos gêneros fotográficos discutidos por Ian Haydn Smith (2018) em seu livro “Breve história da fotografia”, onde identifica e conceitua 28 gêneros: monocromático, pictorialismo, fotografia pura, retrato, paisagem, fotografia de rua, cor, nu, natureza morta, autorretrato, abstração, vanguarda, guerra, propaganda, etnografia, fotojornalismo, documentário, humanismo, ciência, arte, glamour, pop, sociedade, topografia, moda, campanha publicitária, paparazzi, conceitual, encenada, performance, arte contemporânea e

o selfie. A partir das discussões teóricas, cada aluno foi orientado a escolher 10 gêneros entre os estudados e produzir suas fotografias inspiradas nessas conceituações.

A partir de então, os estudantes puderam produzir, no mínimo, três imagens para cada gênero e, posteriormente, publicá-las em um perfil criado especificamente para a atividade no Instagram. Norteando-se por esses conteúdos e discussões em sala, eles foram incentivados, entretanto, a ultrapassar as características de cada gênero e buscarem desenvolver suas próprias linguagens e visualidades.

Esse incentivo parte do próprio autor do livro, quando observa que os temas, muitas vezes, abrangem uma variedade de gêneros ao longo da história da fotografia, destacando as diferentes abordagens tomadas pelos fotógrafos, mas atravessando os diversos estilos de um determinado período. Ainda conforme o autor, eles ajudam a compreender como a inovação e o desenvolvimento tecnológico influenciaram o meio e como mudaram as atitudes em relação a determinados assuntos. Fornecem um registro da maneira como percebemos a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia, tanto em ambientes naturais como urbanos.

Além disso, o potencial reciclável e inovador da fotografia também é enfatizado por Hacking (2018), quando lembra, bem humorada, que a fotografia teve mais vidas que um gato sortudo, cada qual com sua própria história conturbada. Mas também teve muitas mortes. Conforme lembra a autora, o fim desse meio de expressão foi anunciado com regularidade durante mais de um século. “A primeira ameaça foi o cinema, seguido pela televisão, pela imagem digital e, mais recentemente, pela internet. A fotografia, no entanto, tem se mostrado, acima de tudo, flexível e adaptável” (HACKING, 2018, p. 6).

Os alunos da disciplina receberam, ainda, a orientação para que durante toda a atividade respeitassem o distanciamento social e as medidas sanitárias combate e enfrentamento à pandemia de covid-19. O ensaio apresentado a seguir é resultante dessa atividade e foi produzido por um dos alunos matriculados na disciplina, que também é um dos autores deste artigo.

O ensaio fotográfico “Elevé Acaraú”

O ensaio fotográfico intitulado “Elevé Acaraú” foi produzido por Gledson Oliveira da Silva, que é estudante do curso de Artes Visuais, sob orientação da professora Fabiana Wielewicki

e é Instrutor de iniciação à dança e *babyclass* do Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro (Bumbódromo) de Parintins. A criança que protagoniza as cenas fotografadas por ele é sua filha, também bailarina e sua aluna. O cenário escolhido foi um dos bairros alagados da cidade. Com a enchente do Rio Amazonas, várias áreas foram tomadas pelas águas que se elevaram. Para manter a circulação da população dos comerciantes construíram passarelas ligando os estabelecimentos e as moradias.

Figura 1: Primeiro Ato



Fonte: autor da pesquisa

Preservando os cuidados com o distanciamento social, o estudante utilizou seu próprio aparelho celular modelo Samsung A51. Fez uso de alguns recursos de edição de cores, aplicação de filtros de tratamento e efeitos de desfoque disponíveis em seu modelo de dispositivo. O ensaio reúne quatro imagens, nominados de “atos”, como em uma peça de Ballet com performance executada sobre as passarelas estaiadas de madeira, as chamadas “marombas”, construídas sobre a inundação das ruas parintinenses.

Após publicar as fotografias em suas redes sociais digitais, o ensaio atraiu a atenção da imprensa local e nacional e se tornou conteúdo jornalístico em portais de notícia como: Repórter Manaós (www.reportermanaos.com.br), G1 Amazonas (www.g1.globo.com/am), Parintins 24 Horas (www.parintins24horas.com.br), Portal Em Tempo (www.portalemtempo.com.br), Maskate News (www.msktv.com.br), Blog Panorama Ribeirinho (www.panoramaribeirinho.com.br), Programa “G1 em 1 Minuto”, da TV Globo, e o Programa “Fala Brasil”, na TV Record. O conteúdo produzido pelo aluno também foi replicado pelas mídias sociais digitais e por aplicativos de conversação instantânea como o *Whatsapp*.

A compilação de fatores sociais, geográficos, artísticos e tecnológicos reunidos no conjunto de imagens produzidas pelo estudante atraíram a atenção do público tanto presencialmente, desde o momento de produção das imagens, até os diversos cenários virtuais por onde passa a acontecer o processo de circulação midiática das fotografias.

Figuras 2 e 3: Segundo e Terceiro Atos



Fonte: autor da pesquisa

O processo de circulação midiática atribui às imagens circulantes uma potência que extrapola a própria narração dos fatos, na medida em que são mantidas no interior do fluxo comunicacional, sobrevivendo à temporalidade dos fatos noticiados. Para o pensador francês François Soulages (2007), as imagens circulantes são um terceiro momento da imagem: o primeiro foi o da imagem estática, com a invenção da fotografia; o segundo, da imagem em movimento do cinema; agora, o terceiro momento, o qual vivemos atualmente, é o da imagem que circula, “a imagem da velocidade”.

Para o autor, o que importa na contemporaneidade não é a contemplação, mas sim a circulação. A imagem torna-se, segundo ele, um elemento que circula de maneira rizomática entre

as máquinas e os homens, o que acarreta uma mudança total na circulação e na recepção da imagem. “As duas grandes aquisições são o fluxo e o rizoma. Acabou a contemplação solitária; é o fim do monge solitário na arte. Chegamos a uma prática rizomática da imagem e a seu uso interativo” (SOULAGES, 2007, p. 96).

Braga (2017) argumenta que o processo de circulação tem como base a formação de circuitos, definidos por ele como “a base objetivada para aquilo a ser repassado como circulação “de mãos em mãos”” (BRAGA, 2017, p. 45). Para o autor, quando se trata de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação posterior à recepção. “O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia” (BRAGA, 2006, p. 28).

A provocação instigada pelas fotografias inquietou os espectadores da cena fotografada desde o momento de sua captura. O ruído e estranhamento da população que assistia à performance do fotógrafo e seu assunto irrompendo com sua indumentária e simbologias a realidade crua da inundação ficou também registrada nas imagens, integrando a composição.

Percebe-se nas imagens, mesmo com suas particularidades e especificidades de resolução e processamento, a visão e criatividade do fotógrafo artista, nos termos propostos por David duChemin (2017), quando discute a alma da fotografia e defende a postura do fotógrafo como artista criador. As limitações tecnológicas do dispositivo utilizado no ensaio reforçam, ainda, a posição do autor quando ele se refere à “recusa à perfeição”. Segundo o autor, “Não há nitidez ou latitude de exposição capaz de melhorar uma história, assim como usar uma fonte moderna não poetiza um texto” (DUCHEMIN, 2017, p. 128).

Ainda conforme o autor, fotografias desfocadas, borradas, sub ou superexpostas e compostas sem consideração por qualquer convenção conhecida são resultado de um trabalho evocativo e poderoso e muito mais autêntico do que muitas das imagens criadas com paletas de cores produzidas aos milhares, todas muito obedientes às regras imaginadas para serem consideradas algo mais do que uma técnica bem executada.

Essa postura também vai ao encontro das reflexões que Dilg (2016), quando afirma que os fotógrafos que estão sempre em busca dos equipamentos mais avançados poderiam economizar e deixar algo por conta da imaginação, pois isso pode ser mais interessante que mostrar cada folha de grama em detalhes ínfimos e torturantes. “A fotografia nos dá a oportunidade de desacelerar e enxergar melhor o que a maioria de nós menospreza” (DILG, 2016, p.7 e 8).

Figura 4: Ato



Fonte: autor da pesquisa

O ensaio rememora, ainda, as considerações de André Rouillé (2009), quando discute a fotografia como arte contemporânea e seu conjunto de imbricações que envolvem técnica, tecnologia, a subjetividade e a criatividade do fotógrafo. As fotografias do ensaio compartilham realidades e cenários particulares que testemunham relações frutíferas e disruptivas, ainda que distante dos olhares dos grandes centros urbanos e das grandes e clássicas escolas de arte do mundo. Essas relações se processam no cotidiano de suas realidades e vivências independentemente das realidades paralelas de um mundo pandêmico.

Além disso, a contemplação do movimento dos Atos performados pela pequena bailarina petrificado na temporalidade da cheia do rio nos remete à reflexões de Dubois (2012) sobre o ato fotográfico e a morte/eternidade das imagens na fotografia. É sempre válido lembrar que, conforme o autor, o ato fotográfico implica não apenas um gesto de corte na continuidade do real, mas também a ideia de uma passagem, de uma transposição irreduzível. Dubois afirma que, ao cortar, “o ato fotográfico faz passar para o outro lado (da fatia); de um tempo evolutivo a um tempo petrificado, do instante à perpetuação, do movimento à imobilidade, do mundo dos vivos ao reino dos mortos, da luz às trevas, da carne à pedra” (DUBOIS, 2012, p. 168).

Com o tempo, o gesto do corte interrompe também o movimento. Um movimento interrompido no fio da duração, mas contínuo em sua extensão temporal. A interrupção da dança da bailarina traduz uma intenção de apropriação do movimento da dança, da elevação do rio, das pessoas que a assistem, da vida cotidiana fotografada pelo operador do ato fotográfico. Um gesto que exprime a abstração da eternização do Ato de Ballet, como em uma caixa de música adornada

em um cenário urbano invadido pela força da natureza. Uma violência que condena à morte o movimento vivo da bailarina, no sentido proposto por GOMBRICH (1993), como se subitamente tivéssemos a congelado e a forçássemos a manterem-se imóvel para sempre.

O título construído pelo aluno revela também uma relação de choque e complementaridade, assim como as imagens. A expressão do francês que nomina um passo de Ballet “Elevé”, significa elevação, em português, que também se relaciona diretamente com a elevação do nível das águas do Rio Amazonas. O termo “Acaráú”, por sua vez, de origem indígena significa “rio das garças”, na língua Tupi Guarani. Dessa forma, o título do ensaio significa “elevação do rio das garças”, estabelecendo, ainda, uma relação mimética e semiótica com a clássica história do “Lago dos Cisnes”, um ballet dramático em quatro atos, de autoria do compositor russo Piotr Ilitch Tchaikovski e com o libreto de Vladimir Begitchev e Vasily Geltzer. Os quatro atos da peça de Ballet são também inspiração para o ato criativo que, bravamente, floresce como uma vitória régia sobre as águas dos rios.

O contraste do espetáculo a céu aberto pelas passarelas de madeira estaiadas sobre as águas da maior enchente do Rio Amazonas já testemunhada em Parintins e a ligação com a simbologia clássica do ballet russo provocam, de imediato, um ruído sensorial naqueles que se deparam com a cena. Ao mesmo tempo, entretanto, a composição do enquadramento é permeada pelo encantamento sugerido pelo sublime da dança clássica, acompanhado por todo repertório de sentidos – como leveza, beleza, sutileza, força e equilíbrio – associados à operação dessa arte. A postura ousada de retratar sobre as marombas os atos do lago dos cisnes pelo viés da elevação do rio das garças apresenta-se também como um gesto de bravura e resistência, tanto social, como artística e fotográfica.

Algumas considerações

A partir das discussões aqui apresentadas, a reflexão desenvolvida se direciona às possibilidades de ampliação e potencialização dos métodos de ensino-aprendizagem e da estimulação dos processos criativos dos alunos a partir das possibilidades de uso das mídias móveis como o aparelho celular nos processos de estudo e prática da fotografia e, de forma mais expansiva, do campo das artes e mídias como um todo.

O ensaio que propiciou o desenvolvimento deste texto foi apenas um entre as dezenas de trabalhos que também foram desenvolvidos e apresentados com significativo potencial criativo, artístico e tecnológico como requisito para a conclusão da disciplina de Introdução à Fotografia, ainda que não tenham alcançado tamanha repercussão midiática.

À revelia das limitações tecnológicas e as consequências que eles podem provocar à qualidade pictórica dos processos visuais (mas que podem ser resolvidas em uma questão de tempo), esses dispositivos podem estimular o despertar para uma consciência e criatividade estética que reformulem o redirecionamento da forma de consumo e percepção das imagens e das artes digitais.

Além disso, o acesso aos dispositivos móveis, com seus valiosos recursos de compartilhamento de dados, permite de uma maneira mais fluida e ampliada o acesso a meios de expressão artística a pessoas desconhecidas. Artistas anônimos munidos de uma percepção da realidade inusitada e provocativa que podem – e devem – contribuir para o pensamento da arte na contemporaneidade.

Como é afirmado pelo autor do ensaio no texto em que publicou em um dos veículos de comunicação que compartilharam suas fotografias, a prática fotográfica é sempre um convite ao transbordamento, como o é a arte e o rio. Mais do que cumprir o que se aprendeu sobre o gênero estudado, este ensaio é também uma provocação e convite ao que ainda não se sabe, ao desconhecido, às experimentações e improvisações criativas.

O ensino remoto é sabidamente uma barreira imposta aos processos pedagógicos, principalmente em regiões com limitações tecnológicas. Contudo, o verso da moeda pode ser o despertar criativo a que se expõem os sujeitos desafiados a construir arte em meio ao caos da pandemia e das inundações.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). **Prestadoras do Serviço de Comunicação Multimídia**. Disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/stel/consultas/ListaPrestadorasLocalidade/tela.asp>. Acesso em: 06 Out. 2020.

ALVES, Lynn Rosalina Gama; SILVA, Jacqueline Márcia Leal da; FRAGA, Giulia Andione Rebouças. **Construindo comunidades virtuais de aprendizagem**: experienciando novas práticas. In: CONFERÊNCIA ELES'04, 2004, Aveiro. Anais. 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8665686-Construindo-comunidades-virtuais-de-aprendizagem-experienciando-novas-praticas-pedagogicas-1.html>. Acesso em: 05 Out. 2020.

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFEs – 2018**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 05 Out 2020.

BEIGUELMAN, Giselle. **Link-se: arte/mídia/política/sibercultura**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz.; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon. (org). **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande-PB, EDUEPB: 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil**. [Brasília]: Ministério da Saúde, [2021]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CARDOSO, Maria Sandrelle Gonçalves; SANTOS, Sueyla Ferreira da Silva dos; WEIL, Andreza Gomes. **Políticas de Permanência no Ensino Superior do ICSEZ/UFAM em Parintins**. In: RELEM – Revista Eletrônica Mutações, 2016, Jul. – dez. Parintins: Ufam/Icsez.

Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC domicílios 2018 [Internet]. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR; 2019 [citado 2020 out 20]. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf

DILG, Brian. **Fotografia**: 50 conceitos e técnicas fundamentais explicados de forma clara e rápida. Publifolha: São Paulo, 2016.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 14ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DUCHEMIN, David. **A alma da fotografia**: o fotógrafo como artista criador. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

ELOY, L. **Diversidade alimentar e urbanização**: o papel das migrações circulares indígenas no Noroeste Amazônico. *Revista Anthropology of food* [Online], S6 | December 2009, Online since 20 December 2009. Disponível em: <http://aof.revues.org/6444>. Acesso em 20 mai 2021.

GOMBRICH, Ernest. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

HACKING, Juliet (org). **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro, Sextante, 2018.

IDAM, Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas. **Plano Operativo Anual**: Unidade local. Parintins: IDAM, 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades e Estados**: Parintins. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html>. Acesso em: 06 Out. 2020.

MAIA, Carmem; MATTAR, João Mattar. **ABC da EaD**. 1 ed. São Paulo: Pearson, Prentice Hall, 2007.

MERIJE, Wagner. **Mobimento**: educação e comunicação mobile. São Paulo: Peirópolis, 2012.

MOORE, Michael Grahame; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOREIRA, José António Moreira; SCHLEMMER, Eliane. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital online**. In *Revista UFG*, 2020, V.20, 63438.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Instagram para empresas**: 10 dicas para promover seu negócio [Internet]. Portal Sebrae. [citado 2020 out 19]. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/al/artigos/10-dicas-para-promover-o-seu-negocio-no-instagram,e11da535c0597510VgnVCM1000004c00210aRCRD>

Serviço Geológico do Brasil. **Régua Fluviométrica**. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SMITH, Ian Haydn. **Breve história da fotografia**: um guia de bolso dos principais gêneros, obras, temas e técnicas. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

SOULAGES, F. **A revolução paradigmática da fotografia numérica**. *ARS* (São Paulo), São Paulo, v. 5, n. 9, p. 74-99, 2007.

STERNBERG, H. O. **A água e o homem na várzea do Careiro**. 2ª ed. Belém: Emilio Goeldi, 1998. 248p.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. 9ª ed. Manaus: Editora valer/Edições Governo do Estado, 2000.

VALENTE, José Armando; PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini (Org.). **Educação a distância via Internet**. 2ª Edição, São Paulo: Avercamp, 2005.

VASCONCELOS, Corina. **Pedagogia da Identidade**: interculturalidade e formação de professores (TESE DE DOUTORADO), Universidade Federal do Amazonas, 2016.